



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VICIÑA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 53390.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 16

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Sobre os acontecimentos de S. Tomé

## A questão de raças

Só será resolvida quando a questão social for solucionada

Os acontecimentos alarmantes que em S. Tomé se produziram atraíram a atenção de muita gente que não conhece aquela ilha — senão pelo nome de *Pérola do Atlântico*; que sabe apenas, por ouvir dizer, que de lá vem o cacau, o coconote e o café.

Para se possuir uma ideia nítida da engrenagem social daquela província é necessário ir lá menos de visita do que de trabalho de perto com naturais e indivíduos que em S. Tomé tivessem permanecido largo tempo. Depois de conhecer essa engrenagem social, fácil se torna a qualquer compreender esses acontecimentos sangrentos que tanta indiferença mereceram da parte do ministro das colónias.

Em Lisboa, por exemplo, existem quatro classes distintas: burguesia, média, militar e proletária. Em S. Tomé, a sociedade divide-se em classe burguesa, a predominante; média, formada pelos empregados das casas comerciais, da administração das roças, empregados públicos, operários especializados e os filhos da terra despossuídos das propriedades pelo capitalismo europeu; a classe militar e, por fim, a grande maioria sofrida e inocente, espécie de sub-gente, formada pelos escravos, importados, como qualquer mercadoria, de vários outros pontos de África.

Esta sub-gente que alimenta quase todas as outras castas, que produz a verdadeira riqueza, que cava, planta, colhe e estira sob a violência do sol equatorial. Por isso mesmo, é essa sub-gente que, a guisa do proletariado europeu, ganha mal e sofre o peso de todas as tiranias e vexames. Porém, a inconsciência da grande massa trabalhadora é grande, é qualquer coisa de inacreditável. Aparte uma revolta aqui ou acolá, realizada sem método, sem inteligência, uma revolta quase suicida em sangue; tirando tanta facada no próprio corpo, que a revolta não é mais do que um movimento reivindicador. A ignorância entre esses homens-bestas, habituados a trabalhar de sol a sol e a deixar, por vezes, aos patrões, a mesma amizade que o cão dedica ao dono, é abismo insondável.

Estes homens são, geralmente, arrastados às selvagens, por processos pouco lógicos a que, por decência, se convencionou chamar *resgate* e ultimamente *catraio*. Haverá em cada dez mil um que saiba ler, e mal. Perfeitamente fora das mais rudimentares noções de civilização, em vez de respeito possuem medo, em vez de princípios de justiça tem o natural sentimento de justiça inerente a todos os seres humanos. Muitos deles, ao chegar a S. Tomé, morrem, muito por culpa da aspeira climatérica, como pelos hábitos de liberdade que não podem perder repentinamente ao tomar contacto com a civilização que lhes querem impor, civilização que se traduz na privação súbita de todas as liberdades. Morrem as dezenas, não reportado o colete de forças que a civilização lhes veste.

Não é, pois, entre indivíduos que tal sabem juntar dois pensamentos que se encontra o espírito de revolta, que um governante temia. Esse espírito de revolta reside na classe média, na qual se podem incluir os operários especializados que para aquela terra vão iludidos com miragens de riqueza e de bem-estar.

Nesta classe média ainda se dá um fenómeno social digno de registo. São os funcionários e os operários que, devido à miserável situação económica em que se encontram, mais facilmente se revoltam. Quanto aos empregados do comércio e nas roças, como estão numa situação mais desafiada, acomodam-se, calam-se. Entre os funcionários, pequenos funcionários, há muitos negros, com uma educação relativamente mais perfeita, que a pat da revolta que a situação económica lhes provoca, outra reivindicação alberga naturalmente no espírito, excitada por injustiças e barbaridades cometidas pelo europeu — é a reivindicação da raça, a revolta contra o predomínio do branco.

Esta revolta, ocasionada pela diferença de cores, é caracterizada também pelos negros capitalistas. Há, porém, uma maneira diferente de encarar a mesma questão: entre os negros que constituem a classe burguesa e a classe média. O interesse desta (e mesmo entre esta classe poucos são os que vêm por este primo) está na abolição do preconceito de cores, de raça. Os negros trabalhadores, só tem amigos, mais do que amigos, só tem irmãos, na classe trabalhadora. São os trabalhadores de todas as cores e de todas as raças, estreitamente unidos, podem destruir o inimigo comum — a burguesia negra, amarela, branca

## ... E SEQUE SENHORIOS, INQUILINOS E HOSPEDES

Quinze famílias arremessadas à rua

Anteontem, na rua da Barroca, ao Bairro Alto, mais uma barbárie se cometeu. Por ordem do senhorio foi posto na rua o inquilino António Lopes. Posto na rua não será bem o termo: foram arremessados à rua, ele, a mulher e a mobília.

Não é, porém, o facto de António Lopes ter sido posto na rua o que mais temos a lamentar, porque este é conhecido pela sua má-vizinhança e por explorador feraz dos seus hóspedes. A saída destes é que nós lamentamos profundamente.

Com o mau inquilino, que pagando 1350 de renda recbia dos desgraçados que explorava mais de duzentos escudos, vieram todos os hóspedes para a rua, depois de já terem pago as suas rendas e quando julgavam possuir habitação garantida por mais um mês.

Era bem triste contemplar o aspecto da rua, atravancada de mobílias pobres.

Dirigimo-nos a um pobre velhote que lamentava a sua vida.

— Então você também foi posto na rua?

— Já arranjo onde meter a mobília.

— Ainda não — murmurou o pobre velho.

— Quanto pagava? — perguntámos-lhe então.

— Eu pagava 3500 por um quarto, mas era dos que estavam morando mais em conta.

Soubemos então que o tal António Lopes, além de receber dos seus hóspedes mais de duzentos escudos por mês, ainda exercia a profissão de moço de freies.

Maria Rosa prontificou-se a dar-nos mais esclarecimentos.

— Eu pagava 7500 — disse ela — mas a casa era um verdadeiro inferno, devido à zaragata que a dona da casa, a mulher de António Lopes, fazia. Agora estamos nós pagando os seus desmandos, com a nossa mobília na rua.

— E foi muita gente despedida? — inquirimos.

— Cerca de umas trinta pessoas; eram quinze famílias que viviam neste 2.º andar. Olhe a porta e veja a festa.

— Que guarda n.º 1034, da 3.ª esquadra, não permitia ajuntamentos, não queria que ali permanêssemos. Entretanto fomos logo interrogados.

— Que foi isto afinal?

— Foi ordem de despejo — respondeu.

— E por quanto tempo pode estar aqui toda esta mobília?

— Tem quatro horas para se retirar, decontrário.

— De contrário, o quê?

— São autos e a mobília vai para o posto — respondeu o guarda.

Ficámos pensando na injustiça das leis. E a justiça que põe trinta pessoas na rua e é ainda a mesma justiça que não permite que aquela gente se conserve na vi. pública. E caso notável, o senhorio é o antigo juiz de paz. Cede-rim.

Que pensar o ministro da justiça de tudo isto?

## NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Conta *El Sol*, com aquela serenidade que o caracteriza, que em Motril, em casa do deputado maurista D. Francisco Martí, quando uma das criadas se ajoelhou rezando fervorosamente ante uma imagem de Cristo, observou que a imagem abria los olhos, e para ela dirigia a vista, pestanejando e derramando lágrimas. Ao alarme da doméstica, correu toda a gente que havia em casa e todos verificaram que realmente Cristo chorava abundantemente. Avisaram-se imediatamente alguns padres que vieram, correndo, abrir a boca ante o espantoso milagre. Não se tratava de nenhuma fusão dos sentidos nem — como poderia avarer algum ímpio cientista — dum caso de sugestão colectiva, porquanto todos os presentes puderam consternadamente verificar que as lágrimas não eram *beras*. Eram umas lágrimas autênticas, lágrimas de carne e osso, muito bem servidas, atendendo à carência da vida. Fizeram-se verificações. O sr. D. Charles Lepierre lá de sítio munui-se dum proveta e recolheu abundante amostra, porque Nosso Senhor Jesus Cristo, — um dó de alma vel-lo — chorava lá de cima que nem o chafariz d'El-Rei em dias de inundação, que nem as cataratas do céu a quando do dilúvio. Feitas as análises respectivas averiguou-se ser a secreção duma densidade superior à da água, inodora ao tacto, transparente ao paladar, salgada ao olfacto. — São lágrimas — afirmou em cântico a servil. E logo ali o abade afirmou, por inspiração divina, que o sagrado líquido, destilado dos olhos da imagem, curava radicalmente as pessoas que sofressem de ramela abundante. Mas porque chorava daquela destemperada maneira o divino filho de Maria? Uma dama de muita virtude, que presente se encontrava, lembrou que a imagem era velha, bem podendo suceder que algum insecto daninho e nocivo (dêsses que roem a madeira) tivesse invadido contra as bantas nádegas do Senhor no perverso e belzebúlico intuito de reduzir às a farinha de pau. Não carecia de lógica a hipótese, pois bem podia ele justificar o dolorido pranto de Jesus Cristo, atenuando por traz... Ponha-se o leitor no seu lugar...

O *alcade* que assistia à cena era pessoa muito entendida em literaturas internacionais disse que, tratando-se de ataques de tam escabrosa natureza, a bulir nas nádegas, Nosso Senhor não choraria mas faria versos, que era o mesmo que acontecia a certo mozelos de Lisboa, cujas *Canções* tinham chegado ao seu conhecimento. Acordou-se em ir ver... E, levantadas as sagradas vestes, verificou-se apenas a existência dum percevejo na armadura interior da milagrosa imagem, mas tam esqueletico que se julgou dispensável a remoção do insecto, por dar este indícios de morte próxima. Assim, as lágrimas de Cristo (não confundir com aquelas lágrimas de que o Vaticano tem provisões), eram um efeito sem causa, circunstância que dá ao susepso todos os foros de milagre. O facto lá vem registado em *El Sol*, e supunho que os livres pensadores nada terão a objectar. De resto, a respeito de Santos milagrosos também cá nós, os portugueses, estamos bem servidos. A começar por aquele terrífico, S. Gonzalo de Amarante que, apesar de ser feito de pau de pinho, para certos efeitos ultrapassa em força perniciosa o fôcino dum varrão. E' assim, pelo menos, que reza a tradição popular; que lá de confirmação lhe encarrego eu o sr. António Boto.

Prof. Carlos Carvalho

## CONFERENCIAS

Associação dos Lojistas

A convite do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, a dr.ª Paula Lúcia, rainha Amália, pela 21.ª vez, uma conferência sobre *Mulheres do Uruguay*, na sala da Associação dos Lojistas de Lisboa, Avenida da Liberdade, n.º 19.

Sociedades de Estudos Pedagógicos

O dr. sr. Faria de Vasconcelos realizou hoje, pelas 21 horas na Faculdade de Ciências, uma conferência sobre *As variedades da experiência religiosa*.

## VIDA POLITICA

Partido Comunista. — Reúnem hoje, pelas 21 horas, em conjunto os membros da Junta Nacional, com a comissão de propaganda.

## A comemoração do operariado

As reclamações formuladas através do país

Cooperativa dos Catraeiros

Tendo passado no dia 1.º o primeiro aniversário da Cooperativa dos Catraeiros, fundada pela respectiva associação de classe, cooperativa que apesar da sua curta existência regista já bastantes prosperidades, foi o aniversário comemorado pela referida instituição, que, além de outras manifestações, promoveu uma excursão de propaganda a Porto Brandão, localidade onde a cooperativa montou, em edifício próprio, uma escola de primeiras letras destinada a ensinar o ensino dos filhos dos associados ali residentes e também a outras crianças pobres. As quais, graças aos esforços dos directores da mesma cooperativa, foram distribuídos bibes, chapéus e sapatos.

A fim de serem inaugurados a escola e também o estande da Cooperativa dos Catraeiros, realizou-se no edifício da escola, após a chegada dos excursionistas, que eram em grande número e para ali seguiram nos gazolinos que a cooperativa possuía e ainda em duas fragatas, uma sessão de propaganda, tendo sido convidado a presidir sr. Alfredo Pinto, chefe duma repartição do ministério do trabalho, que iniciou a série de discursos com palavras de louvor e de incentivo para a direcção da cooperativa, tendo falado o seguinte os nossos camaradas Francisco Cristo; pelo Partido Comunista; Abel da Cruz, Clarimundo de Aguiar, José de Almeida e Manuel Ramires, estes pela Associação dos Frigateiros. Todos os oradores fizeram louváveis referências à acção dos operários catraeiros, sobretudo a José de Almeida, presidente do sindicato e da cooperativa, tendo sido também objecto de agradáveis referências o sr. Alfredo Pinto, pelos serviços que tem prestado às referidas colectividades. Na pessoa de Francisco Cristo e de A. Vieira foi também muito saudado este jornal.

Pelos filhos do camarada Clarimundo de Aguiar, auxiliados por outras pessoas amigas, foi aberta no Porto Brandão uma quete a favor dos presos por questões sociais, que rendeu 46510 quantia que foi entregue à comissão central.

Conferentes Marítimos

Este sindicato realizou uma sessão solene para inauguração do novo estande, tendo o chefe Corraes se agarrado e arrastado pelos cabelos. Não foi, porém, assim, como se afirmou, pois a sessão foi feita no salão da Associação dos Catraeiros, tendo sido presidida pelo chefe Corraes, se agarrado e arrastado pelos cabelos. Não foi, porém, assim, como se afirmou, pois a sessão foi feita no salão da Associação dos Catraeiros, tendo sido presidida pelo chefe Corraes, se agarrado e arrastado pelos cabelos.

Nos arredores e na provincia

No Porto

Como decorreu a manifestação — Sotões terroristas — A rotagem — A conferência

PORTO. 1.º — C. — A manifestação do 1.º de Maio principiou com liberdade e terminou com tirania, isto é, começou pacificamente e acabou com a violência dos disparos da policia. Já de véspera, era voz corrente de que a P. S. E. se preparava para, na rotagem ao cemitério de Agramonte, pela manhã, assaltar, covardemente, o cemitério operário, prendendo, tirando, algazarrando, confundindo tudo numa desordem epica que servisse de pretexto a mais perseguições. A crendice nesta violência não deu lugar a uma reflexão. O facto da P. S. E. foi, ou mandou, ao cemitério no sábado, ter com o director daquella casa de velório, para que este lhe permitisse a entrada de uma multidão de pessoas para o cemitério. No cemitério, tudo se agitou: respeitavam-se todas as religiões e todas as politicas. Apesar, porém, de constar que o director do cemitério não permitia a entrada de ninguém, os comparáveis à intolerância e a dos dos jesuitas da inquisição, tudo ficou a mesma com o pensamento na covardia que os portugueses têm em relação a estes actos. A rotagem referida fez-se com sossego e sem violência, com a presença de delegados e respectivas bandeiras. Os sindicatos profissionais, além das tentativas de violência, fizeram uma campanha de propaganda. Junto ao coval de Alfredo Vieira, fizeram as camadas, que se basearam nas ideias de renovação social e seus meios.

Efectuada a rotagem, tudo se dirigiu para o teatro Carlos Alberto, onde teve lugar a anunciada conferência do nosso amigo Cristiano de Corralho. Aquella sessão de espectáculos encheu-se por completo, ficando ainda muitos operários no atrio e rua por falta de lugares. Presidiu ao acto de propaganda o nosso camarada Serafim C. Lucena, que proferiu uma breve allocução de abertura. Recebido o conferente com uma ruidosa salva de palmas, ele descreveu, por espaço de uma hora, o alto e baixo da situação social, os grandes embates das ideias e humanos pró-prerfectibilidade social, ao caminho evolutivo que a actual sociedade segue, etc.

A sua brilhante oração foi coroada com uma retumbante salva de palmas, a qual se associou algum elemento republicano de modo a que se desistisse de Gerardo Martins que, tendo uma situação e peca na Republica, differenciou-se da zaragata afastada da policia que provocou tumultos no cemitério de Fontainhas. Cardoso Lucena, antes de encerrar o acto, fez também um excelente discurso, que foi aplaudido com vivas à organização operaria, à República Social, aos presos por questões sociais, etc.

O CORTEJO

Antes das duas horas da tarde, começou a sair da Praça da Republica elemento operario com as bandeiras das seis colectividades. Perto das três, o cortejo pôs-se em marcha, com bastante desenvolvimento, embora menor que 14 dias antes, pelo facto de ser domingo, muitos operários habitaram fora de portas e nos arredores tiveram muita difficuldade de chegar ao ponto de encontro. O cortejo percorreu o trajecto, sempre na melhor ordem, egzibindo-se as manifestações em diversos vivas e abanos a burguesia, ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc. Tudo parecia, portanto, que as autoridades do distrito, a semelhança dos tiranos

## O 1.º DE MAIO

comemorativa do 1.º de Maio, tendo falado Abílio Jerónimo, António Luis Horta e Alfredo Franco, que foram muito aplaudidos.

Saudações

ALMADA. 1.º — A Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra, ao inaugurar a sua bandeira no dia 1.º de Maio, saudou toda a organização operaria, a C. G. T., o intererato defensor da causa operaria *A Batalha*, os presos por questões sociais, os ferroviários libertados, os trabalhadores de jornais, etc., fazendo votos porque terminem de uma vez para sempre todas as vilanias que se estão exercendo sobre a classe operaria.

HORTA. 2.º — A Associação de Classe dos Marinheiros Falecidos, reunidos em sessão solene, saudam todos os camaradas e o órgão operario *A Batalha*. — Luciano Antonio Silveira.

Em Espanha

O 1.º de Maio decorre com sossego

MADRID. 3.º — Realizou-se a manifestação do 1.º de Maio. Os comunistas fizeram um cortejo conduzindo letreiros em que se lia *Viva o Partido Comunista Espanhol*. Ao chegarem em frente da Casa do Povo, os comunistas fizeram uma manifestação junto da entrada. Besteiro veio à janela, pretendendo falar.

O ministro do interior disse que a manifestação dos operários decorreu com serenidade em toda a Espanha, havendo uma grande nota de frieza derivada da divisão entre socialistas e comunistas. — Rádio.

## Os vendedores de jornais

declaram a greve ao «Século» da noite

Ainda ontem os vendedores não pegaram na edição da noite do *Século*, em virtude da respectiva empresa persistir em vender-lhes o papel a 908 e não a 907, como reclamam.

Reúnem ontem a assembleia extraordinária da Associação dos Vendedores de Jornais. Era enorme a concorrência. Presidiu António Nunes Teixeira, secretário por Alfredo Marques Pereira e Alfredo Valente.

Foi declarada a greve geral ao *Século*, (da noite) até serem atendidas as reclamações, que constam da continuação da cédencia da percentagem de 30 0/0. Foi citada o caso do vendedor Domingos Gonçalves, que passava na ocasião da venda, ter sido obrigado pela policia e pelo chefe da venda a levantar jornais, o que fez, adquirindo 10 exemplares, que entregou na associação, mostrando assim a solidariedade de para com a classe.

Resolveu-se nomear uma comissão, que combinaria com a empresa uma hora certa para lhe serem comunicadas as resoluções da assembleia. Caso a empresa se recuse a tratar com a comissão, a classe dará por terminadas as *démarches* até que a empresa se resolva a atendê-la.

Vai ser ocluido para o Porto para que os vendedores daquela cidade não façam venda do referido jornal nas condições impostas pela empresa.

A classe está em sessão permanente. — Ontem, o guarda cívico n.º 855, correndo, de pistola em punho, sobre o vendedor José Maria Cunha, ameaçando-o de morte, obrigou-o a parar. Depois disto, fez-lhe pagar 1505 de jornais, dizendo que o referido vendedor os tinha rasgado, o que este afirma ser falso. Em seguida agrediu-o brutalmente. Pelo mesmo policia também foi espancado o vendedor Júlio Maria Fernandes.

## Falta de espaço

A escassez de espaço e a abundância de artigos tem-nos forçado a retirar, nestes dias, muito original, parte de lá composto, obrigando-nos a inserir também com grande irregularidade vários secções, entre estas as que tratam do *Julgamento dos dez* do relato do Congresso do Partido Socialista Espanhol. Pelo mesmo motivo não temos podido occupar-nos da greve dos trabalhadores dos jornais, nem publicar a relação das importâncias recebidas nos ultimos dias para os grevistas, o que aggraviaremos fazer amanhã.

## Enão dos Sindicatos Operários

Comissão Administrativa

Reúne hoje, pelas 20 horas e 30 minutos, em sessão extraordinária, a Comissão Administrativa deste organismo, pelo que devem comparecer todos os seus componentes à hora acima indicada, em virtude da importância dos assuntos a tratar.

## Enviando uma baixa de salário

A Federação Corticeira Nacional foi informada que um industrial, com fábrica em S. Tiago, conseguiu que quatro operários irrefletidamente, consentissem na baixa de 10 % nos actuais salários.

Mas a acção dos corticeiros de Sines enviou uma missão sua àquella localidade, evitando que tal baixa se effectuas, porque a tal seceder seria um mal que affectaria a classe inteira.

As camaradas de S. Tiago, e de todo o país previne mais uma vez a Federação que ao consentir a uma mais pequena baixa nos salários praticam uma traição a classe e um roubo aos estômagos dos corticeiros e a suas famílias.



